

**MACUNAÍMA, O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER: A OBRA DE
MÁRIO DE ANDRADE COMO RECURSO PARA O
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**MACUNAÍMA, A HERO WITHOUT A CHARACTER: THE MARIO DE
ANDRADE'S WORK HOW TO APPEAL TO THE DEVELOPMENT OF
ENVIRONMENTAL EDUCATION PROJECTS**

Paloma Rodrigues da Silva (paloma.bio@hotmail.com)
Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência / UNESP - Bauru
Agência financiadora: CAPES

Osmar Cavassan (cavassan@fc.unesp.br)
Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência / UNESP – Bauru

Ana Maria de Andrade Caldeira (anacaldeira@fc.unesp.br)
Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência / UNESP – Bauru

Resumo: Vivenciamos um momento histórico marcado pela deterioração permanente do ambiente. Essa situação nos leva a uma reflexão sobre a necessidade e urgência de práticas que desenvolvam uma crítica ambiental nos cidadãos. Nos últimos anos foi possível perceber que o tema “Educação Ambiental” tem sido inserido em nossa sociedade por meio de projetos desenvolvidos nas escolas, como os de reciclagem e plantio de mudas, e também por programas elaborados por empresas públicas e privadas, e organizações não governamentais (ONGs). No entanto, uma Educação Ambiental que se queira transformadora e emancipatória não deve considerar apenas a perspectiva biológica, e sim, as dimensões sociais, históricas, culturais e políticas dos indivíduos. Assim, surge um desafio: como fazer com que a Educação Ambiental seja compreendida e trabalhada considerando essas dimensões? Neste artigo defendemos que uma das possibilidades de se trabalhar este tema numa perspectiva interdisciplinar é utilizando obras literárias clássicas, como o livro *Macunaíma*, escrito em 1928 por Mário de Andrade.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Interdisciplinaridade.

Abstract: We live a historical moment marked by the continued deterioration of the environment. This situation leads us to reflect on the urgent need to develop a critical practice that environmental citizens. In recent years it was observed that the theme "Environmental Education" has been inserted in our society through projects developed in schools, such as recycling and planting of trees, and also by programs developed by public and private companies, and organizations governmental organizations. However, an environmental education that is transformative and

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

emancipatory want to consider not only the biological perspective, and yes, the social, historical, cultural and political individuals. Thus, a challenge: how to make environmental education is understood and worked out considering these dimensions? In this article we argue that one of the possibilities of working this issue from an interdisciplinary perspective is using literary classics such as Macunaíma book, written in 1928 by Mario de Andrade.

Keywords: Environmental Education; Literature; Teaching.

Introdução

Vivenciamos um momento histórico marcado pela deterioração permanente do ambiente. Essa situação nos leva a uma reflexão sobre a necessidade e urgência de práticas que desenvolvam uma crítica ambiental nos cidadãos. Nos últimos anos foi possível perceber que o tema “Educação Ambiental” tem sido inserido em nossa sociedade por meio de projetos desenvolvidos nas escolas, como os de reciclagem e plantio de mudas, e também por programas elaborados por empresas públicas e privadas, e organizações não governamentais (ONGs). No entanto, uma Educação Ambiental que se queira transformadora e emancipatória não deve considerar apenas a perspectiva biológica, e sim, as dimensões sociais, históricas, culturais e políticas dos indivíduos (PORTELA et al, 2010).

De acordo com Fracalanza (2004), desde a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, que foi realizada em 1977, sugeriu-se que esta educação deve ser um trabalho contínuo, de caráter interdisciplinar, e voltada para a participação social e resolução de problemas ambientais, visando à modificação de valores e condutas sociais. Desse modo, formou-se um consenso de que a temática ambiental não deve ser um conteúdo a ser somado nas disciplinas curriculares tradicionais, e sim, apresentar um caráter transversal, isto é, que atravessa todas as áreas do conhecimento (CARVALHO, 2001). Desse modo, “o meio ambiente, visto como um fenômeno complexo, só poderia ser compreendido de uma forma holística, integrada e sistêmica” (CARVALHO, 2001, p. 322).

É nessa perspectiva transversal que a Educação Ambiental é recomendada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s. Nestes documentos, a Educação Ambiental é compreendida como um saber transversal e modificador de uma visão de mundo. Isso implica na difícil tarefa de trabalhar-se o tema de modo interdisciplinar. Isso por que:

Ao diferenciar-se da educação tradicional e apresentar-se como um saber transversal, a EA arca com todas as dificuldades de sua assimilação pela educação formal, estruturada disciplinarmente. Como consequência, resulta que, a despeito do interesse que a EA parece despertar nas escolas e professores, toda a atividade de EA no ensino fundamental tem se dado através de projetos pontuais e extracurriculares, por iniciativas de professores e/ou das direções de cada escola, caracterizando uma dinâmica voluntarista e periférica ao sistema escolar (CARVALHO, 2001, p. 323).

Carvalho (2001) afirma que de acordo com um levantamento realizado pela Coordenadoria de Educação Ambiental do Ministério da Educação e Cultura – MEC – (2000), as atividades de Educação Ambiental realizadas nas escolas públicas

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

ocorrem por meio de projetos pontuais voltados para um contexto extracurricular. Baseando-se nesses dados, o MEC reconhece que:

Raramente os projetos de EA estão inseridos no projeto educativo da escola: caracterizam-se por serem projetos extra-curriculares, nos quais a transversalidade nas disciplinas, quando acontece, é centrada num tema específico. Com atuação pontual, muitas destas iniciativas tornam-se transitórias e esporádicas (OLIVA, 2000, p. 324).

Assim, surge um desafio: como fazer com que a Educação Ambiental seja compreendida e trabalhada considerando as dimensões transversais deste tema?

Neste artigo defendemos que uma das possibilidades de se trabalhar este tema numa perspectiva transversal é utilizando obras literárias clássicas, como o livro *Macunaíma*, escrito em 1928 por Mário de Andrade.

Macunaíma – herói de nossa gente.

Macunaíma é considerado um dos grandes romances modernistas do Brasil. Um dos grandes objetivos desse movimento era transformar o Brasil num país com sua própria forma e individualidade cultural. Nesse contexto, Mário de Andrade empenhou-se em produzir uma obra que reconhecesse a identidade nacional, e criou Macunaíma.

O personagem principal dessa obra nasceu numa tribo de índios negros no interior da Amazônia:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapamunhas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma (ANDRADE, 2008, p. 13).

Sempre preguiçoso, Macunaíma consagra seu slogan “Ai! Que preguiça!”, que aparece durante toda a obra:

Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxama e nem sequer a gente encontrava cunhas por ali. O silêncio principiava cochilando a beirario do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!... que preguiça!... (ANDRADE, 2008, p. 201).

A criação desse herói mostra uma junção entre o folclore brasileiro, brincadeiras e provérbios populares, o índio e seu modo de vida. No entanto, vale destacar a diferença entre o índio romântico, de José de Alencar e Gonçalves Dias, guerreiro, corajoso, fiel, e o índio de Mário de Andrade, malandro, covarde, infiel e sem nenhum caráter. Isso por que, nas obras românticas, há uma visão idealizada do indígena, enquanto que na visão modernista o objetivo é mostrar a formação do caráter do brasileiro.

A obra refere-se, também, a transformação racial do brasileiro, metaforicamente representada em Macunaíma: o personagem nasce índio e negro, e após ir para São Paulo, toma banho em uma gruta e se torna branco e de olhos azuis, marcando, então, a europeização do índio:

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas (ANDRADE, 2008, p. 50).

Na obra percebe-se também que para Macunaíma, e, portanto, para os brasileiros, o sexo é visto como uma brincadeira. No texto, Mário de Andrade utiliza as palavras “brincar” e “brincadeiras” para relatar as relações sexuais entre os personagens:

Macunaíma piscou pra ela e os dois vieram na jangada brincar. Fizeram. Bastante eles brincaram. Agora estão se rindo um pro outro (ANDRADE, 2008, p. 91).

Por tratar-se de uma obra que retrata o modo de vida indígena, o livro traz, com frequência, ditos populares, lendas folclóricas e provérbios, que fazem parte da cultura dos brasileiros:

Quê mundo de bichos! quê despropósito de papões roncando, mauaris juruparis sacis e boitatás nos atalhos nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquinha branquíssima, de certo a filharada da mandioca! (ANDRADE, 2008, p. 52).

Macunaíma e a Educação Ambiental

Conforme destacado na introdução deste artigo, um trabalho efetivo de Educação Ambiental deve ser realizado num âmbito interdisciplinar, considerando as múltiplas dimensões que abrangem este tema, tais como as biológicas, sociais, históricas, culturais e políticas.

Para Aubert (2006), além das dimensões linguísticas, Macunaíma permite que sejam explorados termos que remetem aos universos ecológicos (flora, fauna, topografia etc.), da cultura material (objetos e espaços criados pelo homem), da cultura social (relações sociais de toda ordem) e da cultura ideológica (referências a sistemas de crenças).

Na obra de Mário de Andrade as dimensões ecológicas podem ser amplamente exploradas, uma vez que há uma série de referências à fauna e a flora típicas do Brasil:

Os **ipês** de beira-rio relampeavam de amarelo e todas as **flores** caíram (...) (ANDRADE, 2008, p. 41).

O longe estava bonito com muitos **biguás** e **biguatingas** avoando na estrada do furo (ANDRADE, 2008, p. 14).

Mas assim que deitou o curumim nas **tiriricas**, **tajás** e **trapoerabas** da **serrapilheira**, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo (ANDRADE, 2008, p. 14).

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Vieram então muitas *jandaías*, muitas *araras vermelhas tuins coricas periquitos*, muitos *papagaios* saudar Macunaíma, o novo Imperador do *Mato-Virgem* (ANDRADE, 2008, p. 32).

De acordo com Proença et al (2009), o conhecimento sobre os tipos de vegetação, da fauna e de processos ambientais são essenciais para a conservação do meio biótico e abiótico. Desse modo, a exploração dos recursos bióticos presentes em Macunaíma pode ser considerada uma ferramenta válida de Educação Ambiental, uma vez que o professor pode aliar o desenvolvimento da história e de todo o seu contexto com o conhecimento dos seres vivos que nela aparecem.

Também é possível explorar a importância dos seres vivos que aparecem no livro para a sobrevivência dos indígenas. As referências à mandioca e a algumas espécies de peixes, por exemplo, mostram o uso destes recursos na alimentação daquela população. Sendo assim, o professor pode gerar reflexões relacionando como a destruição destas espécies poderia interferir na sustentabilidade destes grupos:

Falou prós manos que inda tinha muita *piaba* muito *jeju* muito *matrinchão* e *jatuaranas*, todos esses *peixes* do rio, fossem bater timbó! (ANDRADE, 2008, p. 21).

Foi lá e topou com a cotia farinhando *mandioca* num tipiti de jachara.
— Minha vó, dá *aipim* pra mim comer? (ANDRADE, 2008, p. 25).

Segundo Silva (2009), a obra de Mário de Andrade também permite a exploração da cultura social e linguística de diversas tribos indígenas existentes em nosso país. Isso possibilita, num trabalho de Educação Ambiental, que sejam trabalhadas as dimensões sociais, históricas e culturais presentes na sociedade atual, mostrando que alguns hábitos e vocábulos atuais derivaram desses grupos.

Soares (1955, p. 24) menciona em seu trabalho a contribuição tupi-guarani à língua portuguesa:

Guaranis e tupis, contudo, se podem gabar de terem fornecido aos seus conquistadores não somente palavras destacadas, porém, frases inteiras; não um vocabulário apenas, porém mesmo algumas formas gramaticais; e por dezenas de palavras que receberam dos invasores, lhes deram milhares! São, principalmente, essas novidades indígenas que fazem do castelhano e do português da América uma língua já assaz diferente do castelhano e do português da Europa. É, por aí, mais do que pelas instituições políticas, que o Brasil e as repúblicas espanholas vão afirmando sua individualidade, sua independência, sua nacionalidade (SOARES, 1955, p. 24).

Esse entendimento sobre a origem de alguns hábitos, culturas e vocábulos pode fazer com que o indivíduo desenvolva uma visão mais contextualizada da realidade, percebendo o seu papel no meio, não de forma individualizada, mas como um ator social que faz parte de um contexto construído historicamente.

Alguns exemplos:

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Vei queria que Macunaíma ficasse genro dela porque afinal das contas ele era um herói e tinha dado tanto **bôlo-de-aipim** pra ela chupar secando (...) (ANDRADE, 2008, p. 90).

(...) o **sabiá-barranco** o **sabiátropeiro** o **sabiá-laranjeira** o **sabiá-gute** todos esses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloqüência (ANDRADE, 2008, p. 51).

Então resolveu ir brincar com a Máquina pra ser também imperador dos filhos da **mandioca** (ANDRADE, 2008, p.53).

Aipim apresenta a forma tupi *ai'pĩ*, *sabiá*, *saui'a*, e *mandioca*, *mani'oka* (SILVA, 2009). Essas e outras palavras podem ser trabalhadas para contextualizar os estudantes no meio em que vivem.

Os fenômenos de metamorfose presentes na obra também podem ser amplamente discutidas num trabalho de Educação Ambiental, uma vez que é possível fazer uma análise do modo como o autor retratou a identidade nacional.

Em certo trecho do livro, Macunaíma, que nasce como um índio negro, muda de raça, tornando-se branco. Nesse episódio temos a confirmação das mudanças que os europeus exerceram sobre os índios e os negros na época de descobrimento e colonização. Nas palavras de Martins (2006, p. 3):

O processo de aculturação, iniciada por Sumé, marca fisicamente os envolvidos; não apenas Macunaíma é metamorfoseado, também seus irmãos Jiguê e Maanape ficam com a feição alterada, sem possibilidade de voltarem a ser o que eram antes de tomarem contato com a “herança” deixada pelo branco (MARTINS, 2006, p. 3).

A metamorfose que aparece neste trecho está relacionada com a formação das etnias existentes no Brasil.

Macunaíma se torna branco:

Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas (ANDRADE, 2008, p.50).

Jiguê, mulato:

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo (ANDRADE, 2008, p.50).

Maanape, negro:

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas (ANDRADE, 2008, p.50).

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Os três irmãos, Macunaíma, Maanape e Jiguê ficam sempre juntos, e representam os indivíduos que constituíram o Brasil, o branco, o índio e o negro.

Considerações Finais

Para que os trabalhos de Educação Ambiental cumpram com o objetivo de desenvolver nos indivíduos uma consciência crítica é necessário que estes se desenvolvam num âmbito interdisciplinar, levando-se em conta as múltiplas dimensões que abrangem este tema, como as biológicas, históricas, sociais, culturais, entre outras.

Macunaíma é uma obra literária clássica que permite que estas dimensões sejam trabalhadas, uma vez que há inúmeras referências à fauna e flora brasileiras, vocábulos indígenas que originaram palavras do português atual, alimentos utilizados em nosso dia a dia, além de mostrar, de forma metafórica, a formação das raças e da cultura do povo brasileiro.

Essas compreensões permitem que os indivíduos desenvolvam uma visão mais complexa da realidade, que pode ser aliada a uma atitude de preservação. Para isso, pode-se considerar significativo que os indivíduos percebam os seus papéis de atores sociais, que fazem parte de uma sociedade historicamente construída e que é possível, por meio de ações concretas, ser modificada.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008.

AUBERT, F. H. Indagações sobre Marcadores Culturais na Tradução. **Revista de Estudos Orientais**, v. 5, p. 23-36, 2006.

CARVALHO, I. C. de M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em educação ambiental. 2001. 411f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

BRASIL (MEC) **PCN + Ensino Médio**. Brasília, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEMTEC 2002, 144p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>. Acesso em 13/07/20010.

FRACALANZA, H. As pesquisas sobre educação ambiental no Brasil e as escolas: alguns comentários preliminares. In: TAGLIEBER, J. E. e GUERRA, A. F. S. (orgs.) Pesquisa em Educação Ambiental: pensamentos e reflexões. **I Colóquio de Pesquisadores em EA**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel., 2004. pp. 55-77. 238p.

MARTINS, C. M. As metamorfoses em Macunaíma: (re)formulação da identidade nacional. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2006.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

OLIVA, J. T. A educação Ambiental na escola. In: **Ministério da Educação e do Desporto (MEC)**. Secretaria de Educação Fundamental/Coordenação de Educação Ambiental. Textos da série Educação Ambiental do Programa Salto para o Futuro. Brasília, 2000, p 9-20

PORTELA, S. T.; BRAGA, F. de A.; AMENO, H. A. Educação Ambiental: entre a intenção e a ação. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, v. 24, p. 331-340, 2010.

PROENÇA, M. de S.; OSLAJ, E. U.; DAL-FARRA, R. A. Percepção e concepção dos educandos referentes à fauna e à flora nativa como temática inserida na educação ambiental. In: **VI Congreso Iberoamericano de Educación Ambiental**, San Clemente Del Tuyu, 2009. Disponível em:
http://www.6iberoea.ambiente.gov.ar/files/trabajosentalleres/20/De_Souza_Proenca_y_otros.pdf, acesso em 30/10/2010.

SILVA, M. M. da. **Análise da tradução de termos indígenas em Macunaíma de Mário de Andrade na tradução de Héctor Olea para o espanhol**. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução: História, Crítica e Teoria da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOARES, A. J. M.. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**: Elucidário Etimológico Crítico. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1955.